

# **Livro de arte: contribuições ao projeto do livro no Brasil**

*Book of art: contributions to the book design project in Brazil*

Pereira, Rômulo do Nascimento; Universidade Federal do Amazonas  
romulonascimento@hotmail.com

## **Resumo**

O presente trabalho busca dar conta, de forma breve e ainda parcial, das realizações editoriais em um campo muito restrito quanto a sua circulação, as edições de livros de arte, e bastante amplo nas suas realizações. As quatro iniciativas desta natureza aqui estudadas, dentro do contexto editorial brasileiro, nos permitem aprender e refletir sobre o projeto de livro, que cobrem as décadas de 1940 a 80. Seu rico acervo de soluções projetuais são frutos de grande envolvimento e conhecimento, de muito trabalho, características que são raras nos dias, e livros, de hoje.

**Palavras Chave:** artes gráficas; livro de arte; design editorial.

## **Abstract**

*This paper aims to analyse briefly, but still partially, the attainments of Publishing in a very restricted field in their circulation, but very wide in their accomplishment – the books of Art. All four initiatives of this nature that were studied here cover the decades from 1940 to 80, in the Brazilian Publishing's context. They allow us to learn and reflect on book's design because their rich collection of solutions in design were resulted from great involvement, knowledge and hard work that are rare characteristics in these days and now existing books.*

**Keywords:** *graphical arts; book of art; design.*

**Anais do 8º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design**

8 a 11 de outubro de 2008 São Paulo – SP Brasil ISBN 978-85-60186-03-7

©2008 Associação de Ensino e Pesquisa de Nível Superior de Design do Brasil (AEND|Brasil)

Reprodução permitida, para uso sem fins comerciais, desde que seja citada a fonte.

Este documento foi publicado exatamente como fornecido pelo(s) autor(es), o(s) qual(is) se responsabiliza(m) pela totalidade de seu conteúdo.

## **Objetos de desejo e design**

O livro, este conjunto de folhas de papel impresso, dobradas, organizadas em cadernos, são cortados, costurados e colados em uma superfície de papel rígido, mantém, formal e estruturalmente, uma ligação forte com o passado. Seu parente mais próximo, o *codéx*, surge com a adoção da pele de animais como material de suporte à escrita em substituição ao papiro. Os livros produzidos nesta época são manufaturas únicas, em grande formato, normalmente de cunho religioso, executadas em materiais nobres, que passavam por uma série de profissionais especializados até se darem por finalizadas.

A “arte tipográfica” mostrará, ainda nos seus primeiros anos, as soluções, materiais e técnicas, desenvolvidas e aplicadas por Gutenberg, da qual sua Bíblia, conhecida por “42 linhas”, e impressa em 1455, é um belo e sólido testemunho. O livro produzirá e sofrerá grandes mudanças nos séculos seguintes, permitirá a difusão de idéias, incorporará avanços técnicos e materiais, será objeto de disputa ou mesmo será capaz de levar homem à fogueira.

A Revolução Industrial mecanizou e acelerou várias etapas do trabalho, permitindo maior produtividade, o que resultou em uma competição acirrada por mercados. O produto livro, antes de restrito acesso e grande valor é vulgarmente adquirido por preços módicos, torna-se um objeto qualquer, padronizado, banal como um sapato.

William Morris, ainda no século 19, ergue sua voz e trabalho ante a despersonalização e massificação das manufaturas. A Kelmscott Press, editora fundada por ele, produziu importantes trabalhos: livros, famílias tipográficas, vinhetas e gerou um movimento crítico em relação ao produto industrial que manteve perene seus ideais.

O livro de arte responde a uma necessidade por ter esse objeto produzido segundo altos padrões editoriais, materiais, técnicos e estéticos. Neste objeto o vocabulário visual e gráfico se expande, a tradição se renova, incorporando materiais e técnicas atuais, propiciando exemplos de soluções projetuais comprometidas com a qualidade. Além do resgate de produções editoriais de restrita circulação, pretende-se conhecer e refletir sobre a produção brasileira de tais livros, sua história, personagens e projetos.

## **Metodologia**

A presente pesquisa tem caráter descritivo/explicativo, apoiando-se em pesquisa bibliográfica e documental, com a finalidade básica de gerar conhecimento aplicável ao domínio do design editorial e da história do livro no Brasil. O foco se limitou às principais iniciativas nesse campo segundo critérios claros, como: abrangência, longevidade, influência, número e importância de obras publicadas, e um critério não tão claro assim: a contribuição original ao projeto e produção de livros. Foram definidas quatro iniciativas editoriais, são elas: a “Sociedade dos Cem Bibliófilos”, “O Gráfico Amador”, “Philobiblion” e “Alumbramento”. A sistematização das informações acerca de cada uma delas apóia-se em registros bibliográficos, pesquisa em sebos e leilões de obras raras, observação e análise de exemplares.

## **As artes do livro no Brasil**

A tipografia chegou em terras brasileiras somente em 1808. Nos seus primeiros anos de atividade atingiu grande perfeição tipográfica, comparável aos melhores impressos europeus da época. A Imprensa Régia logo encontrou concorrência: casas editoriais francesas, instaladas no Brasil, influenciaram e aprimoraram as técnicas de reprodução de imagens, estilos de composição e impressão do livro. A imprensa espalha-se por todo o território nacional.

No final do século 19 a qualidade dos livros impressos no Brasil havia decaído, levando autores a publicar seus livros no exterior, principalmente em Portugal e França.

Avanços tecnológicos são utilizados no início de século 20 sem que se notem nenhuma melhora no padrão gráfico das publicações. As guerras dificultam o acesso ao papel de qualidade. Monteiro Lobato, atuando no mercado livreiro, introduz procedimentos e práticas novas, emprega a comunicação visual como elemento de atração. Na década de 30, são produzidos os primeiros livros de arte brasileiros em edições particulares, há grande participação de artistas, tanto na ilustração como no planejamento das obras, tendo como características a tiragem limitada, uso de papéis especiais, composição e impressão manuais.

## **Livro de arte no Brasil – contribuições**

Este breve estudo limita-se ao período que vai de 1945, data da primeira publicação dos “Cem Bibliófilos”, até 1980, ano da décima publicação da editora Alumbramento. A intenção, ao se agrupar tão diferentes editoras, é menos comparar suas características do que explicitar os aspectos estudados, que são eles: formato e tipo de papel, projeto gráfico, tipo de impressão e reprodução, encadernação e acabamento. Estes são usados para a sistematização das informações, ainda sem o aprofundamento necessário para uma completa compreensão acerca das contribuições dadas por essas editoras ao projeto do livro no Brasil.

**Sociedade dos Cem Bibliófilos.** Fundada em 1943, cem sócios juntaram-se para a promoção de suas edições. Nasceu por empenho e dedicação de Raymundo de Castro Maya, no Rio de Janeiro. Publicou mais de 20 edições, sempre com textos cuidadosamente escolhidos e ilustrações de significativos artistas brasileiros. A partir da sétima publicação, conta com o planejamento gráfico e artístico de Darel, encerrando suas atividades em fins da década de 1960, com a morte de seu fundador.



Figura 1: Exemplos de ilustrações e composição tipográfica em 3 edições distintas.

Seus livros têm grandes formatos em sua maioria, sempre em papéis especiais, mantendo as bordas naturais e com uma tiragem fixa em 120 exemplares. O projeto gráfico de suas edições faz uso intensivo de ilustração, em diversas técnicas e estilos, solitárias, ou incorporadas ao texto na forma de capitulares, vinhetas, e incorporadas à mancha gráfica. As páginas de rosto, geralmente sóbrias e bem compostas, são quase sempre simétricas. Cada edição traz na diagramação do texto grande variedade de soluções, em tipos serifados, sobretudo o Caslon, planejadas de acordo com a obra, criando imponentes e ricas páginas. A impressão e composição são manuais a partir da quinta edição, para as ilustrações são muitos

os processos empregados, deste a ponta seca até coloração feita à mão. Composto por cadernos soltos para serem encadernados segundo orientações de seus proprietários, com capas de papel forte, tendo outra flexível e estojo, com acabamento bastante cuidadoso.

**O Gráfico Amador.** Criado no Recife, por um grupo de intelectuais: “...pessoas interessadas na arte do livro. Fundado em 1954, tem a finalidade de editar, sob cuidadosa forma gráfica, textos literários cuja extensão não ultrapasse as limitações de uma oficina de amadores. Os trabalhos são projetados e realizados por Aloísio Magalhães, Gastão de Holanda, José Laurêncio de Melo e Orlando da Costa Ferreira”. Encerra suas atividades em 1961.



Figura 2: Capa de *Ode*, em linólio, de 1955. Página com xilo, de 1957, e colofão à direita.

Suas publicações têm formatos variados, sendo de aproximadamente 160 x 230 mm seu formato médio, sempre usando papéis de qualidade em tiragens variadas. Caracterizam-se por grande experimentação no uso de tipos e recursos gráficos, com arranjos elaborados de suas páginas, tanto de rosto quanto do miolo, em composições ora sóbrias, ora surpreendentes. Uso constante da ilustração, em técnicas variadas, empregada tanto isoladas como na forma de vinhetas, capitulares e texturas. Grande variedade de meios de reprodução, de lito à ilustração reproduzida por barbante. Composição da maioria dos textos manual em tipos com serifa. Seus cadernos soltos são acondicionados em capas fortes, ilustradas. Algumas edições estão brochadas ou são feitas em forma de sanfona, uma única página dobrada várias vezes.

**Philobiblion.** O poeta catalão Manuel Segalá inicia no Brasil, em 1955, os trabalhos de sua editora, além de publicar obras importantes de autores nacionais e estrangeiros, tendo “A Verônica”, sua prensa manual, como símbolo de seu carinho e entrega à produção de livros. Sua morte, em 1958, encerra as atividades de sua casa editora.

Suas edições vão de pequenos formatos até um formato padrão de 165 x 240 mm. O papel Canson é muito empregado por ser um papel bom para impressão de xilos, nos volumes menores papel Ingrés ou Raphael Marais, suas tiragens variam de 20 a 1.000. Fácil identificar nos seus volumes os tipos Didot em corpos grandes, tanto na capa quanto na página de rosto, estas com diagramação centralizada e com alusivo uso da cor, conseguindo grande unidade

visual de suas edições. As ilustrações, sobretudo xilogravuras de Segalá, são usadas de maneira inventiva, nos fôlios, capitulares, vinhetas, ou associadas ao texto, criando páginas fortes visualmente.



Figura 3: Capa de livro, composta em Didot, e detalhes de composição tipográfica e de acabamento.

Impressão dos textos, compostos à mão, xilos e capa se dão por prensa manual. Livros geralmente brochados com capa ilustrada em papel mais forte. Nas edições em pequeno formato há o uso de papel de seda colorido usado como guarda, conferindo um aspecto lúdico e delicado ao livro.

**Alumbramento.** O nome, retirado de um poema de Manuel Bandeira, ilustra bem o que Salvador Monteiro pensava ao dar vida às suas edições: “A editora nasceu de uma vocação nossa pelas artes gráficas, particularmente pela tipografia, cujas leis, seculares e universais, impõem o rigor da medida exata, ponto por ponto, e a maravilha da impressão direta, palpável, metal ou madeira sobre o papel, nosso alumbramento diante da arte literária interpretada em termos gráficos”. Publicam seu primeiro livro em 1968, logo após Leonel Kaz entra na editora. A partir de 1980, a editora passa a publicar livros usando processos industriais de composição e impressão.

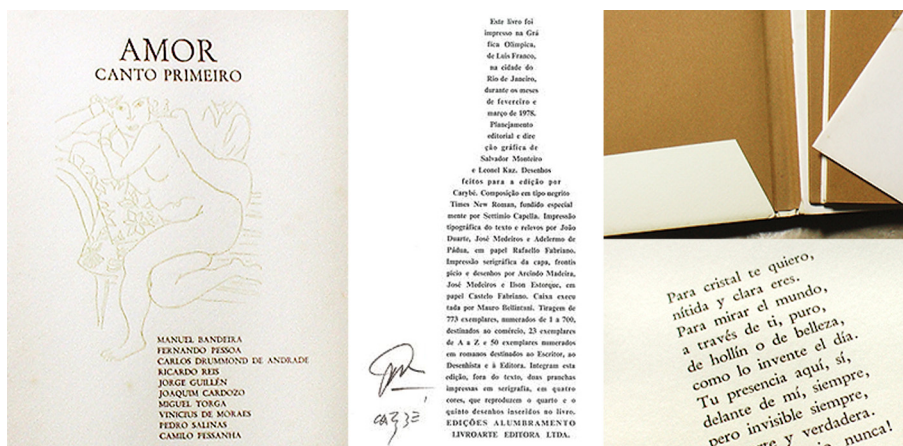


Figura 4: Capa da primeira publicação da Alumbramento, colofão inventivo e detalhes de texto e acabamento.

O formato básico, 165 x 240 mm, tem variações, sempre impressos em papel especial, sobretudo Fabriano, usados de maneira expressiva, seja pelo arranjo incomum, seja pelo contraste de suas cores, em tiragens variadas. Há um padrão reconhecível pelo uso de ilustrações quase sempre delicadas, no uso das cores, tanto da tinta quanto do papel e pelo amplo uso da família Garamond em todos os seus recursos: versais, versalete spacejado, algarismos *old style*. Diagramação por vezes simétrica, tendo composições inventivas e equilibradas das páginas de rosto e no colofão. Composição e impressão manuais do texto, a reprodução das ilustrações varia de acordo com a técnica empregada. Suas edições têm forte unidade visual, capas em papel especial, ilustrada ao modo da folha de rosto, forradas com papel de cor diferente do primeiro, acondicionados em estojos decorados e feitos para cada obra.

As iniciativas editoriais aqui descritas demonstram uma rica tradição tipográfica e projetual, que, por sua restrita circulação, grande dificuldade de realização, formal, material e técnica, e pelos resultados obtidos, deveriam ser mais conhecidas, pois apresentam sólidos exemplos, tanto de soluções como de posicionamento profissional frente a um desafio dos mais comuns aos projetistas gráficos: dar vida a uma página em branco. Não fazendo o texto simplesmente correr por uma grade racional, mas fazendo-o deslizar segundo uma geografia própria, pensada com coerência, envolvimento e beleza.

## **Referências**

- ALENCAR, Vera de (org.). **Castro Maya bibliófilo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- BRAGANÇA, Aníbal. Manuel Segalá, poeta, artista gráfico, editor-impressor. In: **Ler-e-escrever**, 2008. (<http://www.ler-e-escrever.blogspot.com>)
- HALLEWELL, Laurence. **O Livro no Brasil: sua história**. São Paulo: T. A Queiroz / Edusp, 1985.
- KNYCHALA, Catarina Helena. **O livro de arte brasileiro**. 2 volumes, Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1983.
- LEITE, João de Souza. **A herança do olhar: o design de Aloísio Magalhães**. Rio de Janeiro: Arteviva, 2003.
- LIMA, Guilherme Cunha. **O Gráfico Amador – as origens da moderna tipografia brasileira**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.
- MCMURTRIE, Douglas C. **O Livro: impressão e fabrico**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.
- MINDLIN, Jose. **Uma vida entre livros – reencontros com o tempo**. São Paulo: Edusp / Companhia das Letras, 1997.
- MORAES, Rubem B. de. **O bibliófilo aprendiz**. 3 ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1998.